



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS LÍNGUA PORTUGUESA

LEIDILENE RIBEIRO SILVA

**MARCAS DA VIOLÊNCIA NA ESCRITA ANTIESCRAVISTA DE MARIA FIRMINA
DOS REIS: uma análise das denúncias da personagem Preta Susana, no romance Úrsula**

São Bernardo – MA
2023

LEIDILENE RIBEIRO SILVA

MARCAS DA VIOLÊNCIA NA ESCRITA ANTIESCRAVISTA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: uma análise das denúncias da personagem Preta Susana, no romance Úrsula

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão – Campus de São Bernardo, como requisito obrigatório para obtenção de nota para Conclusão do Curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Francisca da Silva.

São Bernardo – MA
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ribeiro Silva, Leidilene.

MARCAS DA VIOLÊNCIA NA ESCRITA ANTIESCRAVISTA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: uma análise das denúncias da personagem Preta Susana, no romance Úrsula / Leidilene Ribeiro Silva. - 2023.

43 p.

Orientador(a): Maria Francisca da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo-MA, 2023.

1. Literatura Afro-brasileira. 2. Marcas da violência. 3. Maria Firmina dos Reis. 4. Úrsula. I. da Silva, Maria Francisca. II. Título.

LEIDILENE RIBEIRO SILVA

MARCAS DA VIOLÊNCIA NA ESCRITA ANTIESCRAVISTA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: uma análise das denúncias da personagem Preta Susana, no romance Úrsula

Monografia apresentada ao Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão – Campus de São Bernardo, como requisito obrigatório para obtenção de nota para Conclusão do Curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Francisca da Silva.

Aprovada em: 17/07/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Maria Francisca da Silva (Orientadora)
Curso Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa / UFMA

2º Examinador
Prof. Dr. Alex Alves Egido
Curso Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa / UFMA

3º Examinador
Prof.^a Dr.^a Luciana Diogo
Doutoranda USP

3º Examinador
Prof. Dr. Fabricio Tavares de Moraes
Curso Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa / UFMA

AGRADECIMENTOS

Até aqui o Senhor me sustentou.

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida; em meio a tantas turbulências, Ele tem me dado ânimo e forças para não desistir e seguir em busca dos meus objetivos e sonhos.

À minha avó Teresa (*in memoriam*), ela que sempre foi meu porto seguro e a maior incentivadora de todos os meus sonhos, queria que estivesse ao meu lado para celebrar comigo essa vitória.

À minha mãe Maria do Carmo, minha irmã Leidiane Ribeiro e meus sobrinhos Leticia, Emanuel, Davi e Arthur, por todo incentivo ao longo desses anos e por todo amor, respeitando sempre meu espaço e minhas escolhas.

Aos meus familiares que, de forma direta e indireta, me ajudaram incentivando-me e motivando. Contudo, não poderia deixar de citar o nome de alguns, a minha prima Cilene Ribeiro, pois acredito que ela foi uma das pessoas que mais torceu por mim e não mediu esforços para me ajudar no que fosse preciso; minhas tias Beliza Ribeiro, Mecê Ribeiro e Loura Ribeiro, sempre pude contar com elas quando precisava me ausentar de casa para fazer trabalhos e em eventos da academia.

Aos meus irmãos na fé por sempre me colocarem em suas orações, em especial minhas irmãs, Lucilena, Margareth, Maria Helena, Luciana e Milka; digo sempre que elas foram anjos que o Senhor colocou em minha vida. Às minhas amigas da vida Maria de Jesus Silva, que esteve comigo em toda minha infância, e à Iasmin Alves, que é minha melhor amiga, e sempre se fez presente quando precisei; obrigada por tudo vocês fazem parte disso.

À minha turma que, nesses quatro anos, partilhamos de momentos únicos em nossas vidas, aos meus amigos Franciane, Paulo Henrique e Simony. Agradeço também às minhas irmãs de coração, Chislane Silva, Fernanda Souza, Marcia Brandão e Joelma Souza, foram elas minhas companheiras em todo esse percurso; obrigada por todo o encorajamento e por não me permitirem desistir, essa jornada se tornou bem mais leve por causa de vocês.

À minha orientadora, Professora Dra. Maria Francisca Silva, por ser um exemplo de pessoa, professora e pesquisadora, por toda orientação e contribuição para estruturação e desenvolvimento desse trabalho, e pela paciência em acompanhar meu desenvolvimento no decorrer dessa pesquisa, com palavras motivadoras e acreditando que eu iria conseguir. À professora Karla Eugênia, que me acolheu na primeira etapa do estágio, às professoras do

Programa Residência Pedagógica, Rosane, Zuleide e Christiane, que não só nos orientaram, mas que também nos ensinavam nas aulas ministradas.

Aos professores (a) Charlyan Lima, Bergson Utta, Katia Franca , Eliane dos Santos, Nayara Queiroz, Idnea Correia, Paula Molinari, por serem para mim modelo de professores, profissionalismo e inspiração, agradeço também a professora Lana Kayne, pois através de suas aulas de literatura foi que partiu o desejo da minha pesquisa e o próprio gosto pela literatura.

“Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo do céu.”

(Eclesiastes: 3-1)

RESUMO

Observando o quanto a literatura contribui em seus escritos a ideia de denúncia contra violência, principalmente em relação a violência sofrida por mulheres, nota-se, então, a importância de trabalhar obras diretamente ligadas a esse assunto. Tomando como base essa ideia, este trabalho visa tratar sobre a literatura afro-brasileira com ênfase na violência, visto que muitos autores trazem constantemente este tema como base para suas obras, tema esse que é abordado no corpo deste trabalho, dando ênfase a obra **Úrsula** (2017), de Maria Firmina dos Reis. O principal objetivo da escrita é analisar de que formas ocorrem as marcas da violência na escrita antiescravistas de Maria Firmina dos Reis, por meio da personagem preta Susana, no romance **Úrsula**. O trabalho tem como problemática a seguinte indagação: Como ocorrem as marcas das violências denunciadas na escrita antiescravista de Maria Firmina dos Reis? A metodologia é de caráter qualitativo e bibliográfico, tendo como principal objeto de estudo a obra **Úrsula** de Reis (2017) e tendo como embasamento teórico autores que trabalham sobre a literatura afro-brasileira como, Cuti (2010), Duarte (2007), Evaristo (2005), trazendo também a ideia de literatura brasileira, Bosi (1994) e autores que tratam sobre violência e suas tipologias, citando Grossi (2012), Severiano (2018) e outros. Com base nisso, os estudos traçam uma abordagem sobre a figura de resistência na literatura afro-brasileira, com Maria Firmina dos Reis, trabalhando também os termos literatura afro-brasileira e negro-brasileira. Faz uma abordagem sobre violência e algumas de suas tipologias e com base nessa abordagem a análise da personagem Preta Susana, na obra **Úrsula**.

Palavras- chave: **Úrsula**. Marcas da Violência. Literatura Afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis.

ABSTRACT

Observing how much Literature contributes in its writings to the idea of denouncing violence, especially in relation to violence suffered by women, it is then noted the importance of working works directly linked to this subject. Based on this idea, this work aims to deal with Afro-Brazilian literature with emphasis on violence, since many authors constantly bring this theme as a basis for their works, a theme that is addressed in the body of this work, emphasizing the work *Úrsula* (2017) by Maria Firmina dos Reis. The main objective of the writing is to analyze in what ways the marks of violence occur in the anti-slavery writing of Maria Firmina dos Reis, through the black character Susana in the Romance *Úrsula*. The work has as problematic the following question: How do the marks of violence denounced in the anti-slavery writing of Maria Firmina dos Reis occur? The methodology is of qualitative and bibliographic character, having as main object of study the work *Úrsula de Reis* (2017) and having as theoretical basis authors who work on Afro-Brazilian literature such as, Cuti (2010), Duarte (2007), Evaristo (2005), also bringing the idea of Brazilian literature, Bosi (1994) and authors who deal with violence and its typologies, citing Grossi (2012), Severiano (2018) and others. Based on this, the studies outline an approach on the figure of resistance in Afro-Brazilian literature, with Maria Firmina dos Reis, also working the terms Afro-Brazilian and black-Brazilian literature. It makes an approach about violence and some of its typologies and based on this approach the analysis of the character Preta Susana, in the work *Úrsula*.

Keywords: *Úrsula*. Marks of violence. Afro-Brazilian Literature. Maria Firmina dos Reis.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	11
2	FIGURAS DE RESISTÊNCIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	12
2.1	LITERATURA BRASILEIRA	12
2.1.1	Maria Firmina dos Reis	17
2.1.2	Literatura afro-brasileira e Negro-Brasileira	20
2.1.3	Resistência	22
3	O CONCEITO DE VIOLÊNCIA SOB O VIÉS LITERÁRIO	24
3.1	Conceitos de violência	24
3.1.1	Violência física	26
3.1.2	Violência psicológica	28
4	UMA ANÁLISE DAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR SUSANA NO NONO CAPÍTULO DO ROMANCE ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu por meio da disciplina literaturas africanas de língua portuguesa, ministrada pela professora Lana Kaine, possibilitando a leitura da obra *Úrsula* (2017), e uma breve análise, despertou o interesse de estudar a autora e sua obra. Dessa forma, tanto a literatura negra e afro-brasileira trazem visibilidade aos povos negros, possibilitando aos escritores esse campo de atuação, pois proporcionam aos negros seu espaço como protagonista. É necessário dar ênfase a essas literaturas, pois são elas que hoje têm dado voz à escrita negra.

Esta pesquisa se justifica pela pretensão que se tem em investigar as violências sofridas por Susana no período da escravidão. Tendo como objeto de pesquisa o romance *Úrsula*, uma obra de 20 capítulos que enfatiza um romance amoroso, mas que nas entrelinhas, faz uma denúncia à sociedade que no período vivia a escravidão. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar de que formas ocorrem as marcas da violência na escrita antiescravista de Maria Firmina dos Reis, por meio da personagem preta Susana, no romance *Úrsula*. E os objetivos específicos são destacar as contribuições de Maria Firmina dos Reis, para a literatura negra e afro-brasileira, apresentar os conceitos de violência física e psicológica sob o viés literário e analisar as marcas de violências sofridas por Susana, no nono capítulo da obra *Úrsula*. A problemática a ser respondida no decorrer deste trabalho é de: como ocorre as marcas das violências denunciadas na escrita antiescravista de Maria Firmina dos Reis? Apresentando como a autora através de sua escrita relata as violências sofridas por negros até se passou até se chegar ao Brasil.

Desse modo, o primeiro capítulo deste trabalho vem abordar as contribuições, que a escritora possibilitou com sua escrita, para que novas escritoras negras surgisse, trazemos uma breve biografia da autora e sua trajetória, um contexto da literatura brasileira até a contemporaneidade, e seus principais autores, como Pedro Vaz de Caminha, Gregório de Matos, Basílio da Gama, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Castro Alves, Machado de Assis e trazendo Maria Firmina como escritora contemporânea, seu reconhecimento foi um leque de aberturas para a literatura afro e negro brasileira possibilitando que mulheres negras se torna-se sujeitos de suas histórias e tendo que resistir ao preconceito de gênero, classe e raça, como é o caso de Conceição Evaristo, que usa o termo *escrevivências* e tem ganhado bastante espaço com suas escritas.

No segundo capítulo, trabalhamos a violência por uma ótica literária, trazendo dois conceitos de forma teórica que são elas violência física e violência psicológica e como as duas estão interligadas. Severiano (2018), por sua vez, diz que qualquer ação que vier a prejudicar o bem estar e o convívio de um indivíduo na sociedade é uma violência psicológica, e Saffioti (2015) aborda que a violência psicológica está presente na violência física e ambas caminham juntas. E aqui destacamos essas violências por olhares de escritoras literárias que em suas obras representam através de personagens, as violências que sofreram.

No terceiro item, é feito o trabalho da análise das violências, que se ocorre com frequência no nono capítulo, que é este a ser analisado, a autora traz uma personagem secundária e dá voz a ela, preta Susana, por meio de relatos de memórias, narra toda a violência sofrida ao ser retirada de sua pátria, e ser jogada no navio de transporte, até chegar em terras brasileiras, a partir desses relatos buscamos fundamentar com teóricos que dessem embasamentos as análises.

Com isso, percebemos a necessidade de se trazer para este campo de atuação a escrita de Maria Firmina dos Reis, e os estudos sobre as literaturas negro e afro brasileira, e buscando trabalhar as violências que se fazem presente em obras literárias, e possibilitando ao leitor estudar esse vasto campo literário.

2 FIGURAS DE RESISTÊNCIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A literatura é uma das maiores manifestações de resistência para a escrita afro-brasileira, representando a luta de um povo que sofre com as desigualdades étnico-raciais, e quão importante é a luta da mulher negra por seu espaço na sociedade. Atribuímos ao nosso passado escravizado essa recorrente desigualdade, diante de tantos estereótipos atribuídos às mulheres, que muitas escritoras têm se tornado modelo de resistência através de suas escritas, fazendo assim com que esse eco ultrapasse a história.

Na seção a seguir, iremos explorar as concepções da literatura afro, dando ênfase à autora Maria Firmina e as principais abordagens de sua obra, explorando a respeito de como sua escrita foi e continua a ser resistência. Iremos trazer: Zin (2016), que faz estudos a respeito de Firmina e sua representatividade; Bosi (1994), que realiza uma abordagem geral da literatura até a atualidade; Duarte (2007), que traz um conceito da literatura afro como algo em construção e; Evaristo (2005), que discorre sobre resistência.

2.1 LITERATURA BRASILEIRA

A literatura trabalhada e disseminada aqui no Brasil teve sua origem na Europa. A primeira manifestação literária difundida em solo brasileiro foi o Quinhentismo, também conhecido como literatura de informação. Essa literatura de informação era aquela feita pelos viajantes das caravelas portuguesas, que vieram para o Brasil juntamente com Cabral em 1500, ano do descobrimento nacional. Esses viajantes tinham a função de escrever cartas com as informações da nova terra e enviá-las ao rei de Portugal, D. Manuel, para que ele ficasse informado de tudo que foi encontrado, inclusive os nativos, e toda a riqueza que ele poderia conseguir naquele novo mundo, é o que afirma Bosi (1994):

Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro. Enquanto informação, não pertencem à categoria do literário, mas à pura crônica histórica e, por isso, há quem as omita por escrúpulo estético (José Veríssimo, por exemplo, na sua História da Literatura Brasileira). No entanto, a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte. (Bosi, 1994, p. 13)

Ao falar em literatura de informação ou período do Quinhentismo no Brasil, o primeiro nome que nos vem à mente é o de Pedro Vaz de Caminha, pois foi ele quem escreveu a chamada “certidão de nascimento do Brasil”, ou seja, foi Caminha quem escreveu a primeira carta ao rei de Portugal informando o que tinha encontrado nas terras recém-descobertas pelos portugueses:

O que para a nossa história significou uma autêntica certidão de nascimento, a *Carta de Caminha* a D. Manuel, dando notícia da terra achada, insere-se em um gênero copiosamente representado durante o século XV em Portugal e Espanha: a literatura de viagens. Espírito observador, ingenuidade (no sentido de um realismo sem pregas) e uma transparente ideologia mercantilista batizada pelo zelo missionário de uma cristandade ainda medieval: eis os caracteres que saltam à primeira leitura da Carta e dão sua medida como documentário histórico [...]. (Bosi, 1994, p. 14)

Além da literatura de informação, neste período do Quinhentismo, no Brasil, a literatura produzida pelos jesuítas (religiosos portugueses que vieram para o Brasil com a

missão de catequizar os indígenas), chamada de literatura jesuíta ou religiosa, também retrata de forma concisa o que ocorria no Brasil de 1500:

Paralelamente à crônica leiga, aparece a dos jesuítas, tão rica de informações e com um *plus* de intenção pedagógica moral. Os nomes mais significativos do século XVI são os de Manoel da Nóbrega e Fernão Cardim, merecendo um lugar à parte, pela relevância literária, o de José de Anchieta. (Bosi, 1994, p. 18)

Findando-se em 1600, as manifestações literárias produzidas no Quinhentismo logo deram lugar ao Barroco, período em que se valorizavam os contrastes e oposições tanto na arquitetura, na pintura, na literatura e na música na Europa do século XVII. Como resalta Bosi (1994, p. 34), “No Brasil houve ecos do Barroco europeu durante os séculos XVII e XVIII: Gregório de Matos, Botelho de Oliveira, Frei Itaparica e as primeiras academias repetiram motivos e formas do barroquismo ibérico e italiano”. Como já foi mencionado, o Barroco influenciou não só a literatura, mas todas as formas de manifestações artísticas que eram produzidas aqui no Brasil, a saber:

Na segunda metade do século XVIII, porém, o ciclo do ouro já daria um substrato material à arquitetura, à escultura e à vida musical, de sorte que parece lícito falar de um “Barroco brasileiro” e, até mesmo, “mineiro”, cujos exemplos mais significativos foram alguns trabalhos do Aleijadinho, de Manuel da Costa Ataíde e composições sacras de Lobo de Mesquita, Marcos Coelho e outros ainda mal identificados [...]. (Bosi, 1994, p. 34)

Em contraposição à implementação do Barroco no Brasil, com sua estrutura clássica e cheia de contrastes e muitos detalhes em ouro, principalmente na arquitetura encontrada nas igrejas da época, surgiram os poetas árcades, dentre eles Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama e Santa Rita Durão, que revelaram uma maior preocupação com o natural e a simplicidade das coisas do cotidiano.

Como afirma Bosi (1994, p. 80), “Nos primeiros decênios do século XIX as fórmulas arcádicas servem de meio, cada vez menos adequado, para transmitir os desejos de autonomia que a inteligência brasileira já manifestava em diversos pontos da colônia”. Diante dessa situação, surgiu o Romantismo, dividido em três gerações e traz como principal marco inicial a publicação de “*Suspiros Poéticos e Saudades*”, de Gonçalves de Magalhães, em 1806. Nomes como os de Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves e Sousaândrade são importantes para esse período da literatura brasileira. Ao contrário do que a maioria pensa, o Romantismo brasileiro não falava de amor entre homem e mulher ou mesmo do

sentimentalismo bucólico propriamente dito, mas do amor pela nação, da exaltação a natureza, na qual os nativos são tidos e vistos como grandes heróis nacionais, é o que confirma Bosi (1994):

Se na década de 40 amadureceu a tradição literária nacionalista, nos anos que se lhe seguiram, ditos da “segunda geração romântica”, a poesia brasileira percorrerá os meandros do extremo subjetivismo, à Byron e à Musset. Alguns poetas adolescentes, mortos antes de tocarem a plena juventude, darão exemplo de toda uma temática emotiva de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio. (Bosi, 1994, p.109)

Segundo Bosi (1994), na esteira de um Brasil em crise, os poetas e escritores românticos como Castro Alves e Sousândrade, Franklin Távora e José de Alencar, em sua última ficção citadina, já traziam em suas escritas, mesmo sendo em termos românticos, alguns aspectos que denunciavam o momento de crise no país. Essa foi a porta de entrada para três períodos literários que surgiram quase que concomitantemente que foram: o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo. Ainda segundo Bosi (1994), no período do Realismo, destaca-se a prosa de ficção de Machado de Assis, no Naturalismo temos Raul Pompéia que partilhava do mesmo dom memorialista e de observação moral de Machado de Assis, características observadas em seu único romance publicado “*O Ateneu*”.

Já o Parnasianismo, que segundo Bosi (1994, p. 219) surgiu “[...] na convergência de ideais anti-românticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma [...]”, revela nomes importantes como os de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, que foi considerado dentre os três citados, o mais antológico dos poetas da nossa literatura. Esses três poetas citados acima fazem parte da tríade de poetas parnasianos, mas além deles há muitos outros que merecem ser lidos e apreciados. Em síntese, “Os anos 70 trouxeram a viragem anti-romântica que se definiu em todos os níveis. Chamou-se realista e depois naturalista na ficção, parnasiana na poesia, positiva e materialista na filosofia [...]”. (Bosi, 1994, p. 245).

Em consonância com o Parnasianismo, do qual os simbolistas herdaram a paixão pelo efeito estético, surge o Simbolismo, que traz como principal representante Cruz e Souza. Segundo Bosi (1994), os poetas simbolistas buscavam algo a mais do que apenas o efeito estético, eles queriam “[...] transcender os seus mestres para reconquistar o *sentimento de totalidade* que parecia perdido desde a crise do Romantismo [...]”. (Bosi, 1994, p. 263). O Simbolismo, assim como os demais movimentos literários brasileiros, surgiu por influência europeia, como afirma o próprio Bosi (1994):

Visto à luz da cultura europeia, o Simbolismo reage às correntes analíticas dos meados do século, assim como o Romantismo reagira à Ilustração triunfante em 89. Ambos os movimentos exprimem o desgosto das soluções racionalistas e mecânicas e nestas reconhecem o correlato da burguesia industrial em ascensão; ambos recusam-se a limitar a arte ao objeto, à técnica de produzi-lo, a seu aspecto palpável; ambos, enfim, esperam ir além do empírico e tocar, com a sonda da poesia, um fundo comum que susteria os fenômenos, chame-se Natureza, Absoluto, Deus ou Nada. (Bosi, 1994, p. 263)

Sentindo a necessidade de romper com o clássico e buscar novas possibilidades de desenvolver uma literatura genuinamente brasileira sem a influência e os moldes literários europeus surgiu o Modernismo, tendo como marco inicial A Semana de Arte Moderna ou Semana de 22, realizada em São Paulo em fevereiro de 1922, reuniu diversos artistas da arte, da música e escritores que queriam romper com o clássico e produzir algo que fosse de total construção brasileira, como bem afirma Bosi (1994):

O que a crítica nacional chama de *Modernismo* está condicionado por um *acontecimento*, isto é, por algo datado, público e clamoroso, que se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas: A Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. (Bosi, 1994, p. 303)

Mas antes do Modernismo da Semana de Arte Moderna, tivemos o Pré-Modernismo, “*Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural*”. (Bosi, 1994, p. 306), mas como bem coloca Bosi (1994), a literatura produzida no pré-modernismo não foi tão inovadora, pois traziam ideias ligadas aos movimentos anteriores com o prefixo “neo” como nova característica. Então, para deixar de vez esses estereótipos chega *A semana de Arte Moderna* que introduziu o Modernismo no Brasil, dividido em três gerações, trazendo como principais representantes nomes como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira na primeira geração. Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade na segunda geração. Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto na terceira geração.

Findando-se em 1930, o movimento literário Modernismo, depois desse período, surgem então as chamadas tendências contemporâneas, que surgiu em 1930 e continua até o presente momento. Como afirma Bosi (1994):

Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930. A afirmação não quer absolutamente subestimar o papel relevante da Semana e do período fecundo que lhe seguiu: há um estilo de pensar e de escrever anterior e um outro posterior a Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira [...]. (Bosi, 1994, p. 383)

Tudo o que é produzido hoje é considerado contemporâneo e faz parte dessa nova tendência. Nesta perspectiva, movimentos literários contemporâneos com a literatura produzida por mulheres e a literatura afro-brasileira têm se destacado exponencialmente, já que a contemporaneidade revela escritoras que não eram reconhecidas em sua época. Como é o caso de Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista brasileira a produzir um romance abolicionista intitulado “*Úrsula*”, em 1859. No entanto, a autora só veio ser reconhecida na contemporaneidade por conta dos estudos na área da literatura afro-brasileira. São escritores como Maria Firmina, que estão ganhando seu espaço e reconhecimento graças a essa nova forma de ver a literatura brasileira no século XXI. Diante disso, a seguir, discutimos sobre a história e escrita de Maria Firmina dos Reis.

2.1.1 Maria Firmina dos Reis

A autora maranhense que viveu na época do Brasil oitocentista, em pleno século XIX, tendo resistido a uma sociedade opressora e preconceituosa, teve uma rica contribuição para escrita afro-brasileira¹, rompendo os paradigmas de uma sociedade na então província do Maranhão, cidade essa que a autora nasceu.

Segundo os estudos de Zin, sua biografia se dá:

[...] Nascida em 11 de outubro de 1825, na ilha de São Luís, capital da então província do Maranhão, a jovem foi registrada como filha de João Pedro de Esteves e Leonor Felipe do Reis, ainda que jamais tenha conhecido seu pai, menina bastarda, proveniente de uma família de pequenas posses, mas vivendo sob condições de segregação racial e social latentes, aos cinco anos, teve que se mudar para a vila de São José de Guimarães [...] (Zin, 2016, p. 23)

¹ Maria Firmina Dos Reis possibilitou que houvesse uma abertura principalmente para a escrita de mulheres negras na literatura. Algumas das autoras as quais foram influenciadas pela autora foram: Carolina Maria de Jesus “Quarto de despejo” (2014); Conceição Evaristo “Olhos d’água” (2016); Cristiane Sobral “Não vou mais lavar os pratos” (2011)

Mesmo distante da capital e na sociedade que vivia naquela época, sociedade essa que o machismo e racismo eram soberanos, e a mulher por sua vez não tinha sua voz ouvida, não se deteve e dedicou-se aos estudos “[...] aos vinte e dois anos, Firmina é aprovada em um concurso público para a Cadeia de instrução Primária em Guimarães, tornando-se assim, a primeira professora efetiva a integrar, oficialmente, os quadros do magistério maranhense [...] Zin, 2016 *apud* Moraes Filho (1975, p.23). Com essa afirmação, é perceptível a dedicação aos estudos e a busca por sempre estar informada do que se acontecia na época.

Embora seu legado na educação tenha sido longo, também foi momento de grande afronta na época ao implantar a primeira escola mista e pública do país. Até então a educação para meninas era diferenciada e separada do sexo oposto, fica notório que sua visão sobre a educação era ampla e diferente dos padrões existentes, isso faz de sua existência algo muito estudado atualmente², além de ter contribuído de forma tão significativa na educação, teve também grande influência na construção da cultura e identidade dos afro-brasileiros no Brasil.

Tendo ela vivido por anos no anonimato, marginalizada pela sociedade machista na condição de mulher e negra, escritora maranhense do século XIX, Maria Firmina, considerada a pioneira do romantismo no Brasil e precursora da literatura afro-brasileira, mas também tendo sua escrita um valor histórico importante para a mulher na literatura, mesmo a figura do homem sendo predominante nos movimentos literários da época, a autora rompe com os paradigmas da época ao tem suas obras publicadas.

Perante o Brasil oitocentista, o qual era dominado por brancos, e a principal fonte de economia do país era mão de obra escrava. Resistindo a todos os preconceitos da época, tomando por si uma escrita abolicionista e antiescravista, “[...] O romance *Úrsula* antecipa a obra do poeta abolicionista Castro Alves (cuja produção vai de 1876 a 1883); a obra *Vítimas-algozes* (1869), de Joaquim Manoel de Macedo e *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães.” (Andreta, 2013, p. 38). Diante de tal, essa antecipação a coloca em lugar de destaque e resistência na literatura.

As escritas além de serem de cunho abolicionista, trazem em si uma denúncia: a escravidão e ao patriarcalismo que se vivia, *Úrsula* (1859) por sua vez não foi o único escrito

² Em consulta à base de dados encontrei tais pesquisas que já exploram questões dentro da escrita de Maria Firmina. DUARTE. **Maria Firmina Dos Reis: Faces de uma precursora.**

FERREIRA, Cacio José; SILVA, Tatiane da Conceição. MINHA COR, MINHAS MARCAS: Ficção e história na obra *Úrsula*, de Maria Firmina Dos Reis. **Revista DECIFRAR**. Amazonas. v. 10, n. 20, p. 63-87, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index>. Acesso em: 14 de mai. de 2023.
MUZART, Zahidé. UMA PIONEIRA: FIRMINA DOS REIS. **Muitas Vozes [S. I.]**, V. 2, n. 2, p. 247-260, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>. Acesso em: 14 de mai. de 2023.

da autora, tendo ela publicado os contos *Gupeva* (1861) e *A escrava* (1887), e seu livro de poesia *Cantos à beira-mar* de (1871). Tais obras trazem em si, as mazelas do Brasil oitocentista, além de vir denunciar a escravidão, ela discorre sobre as condições que as mulheres eram submetidas.

Partindo desse pressuposto, é evidente o papel de resistência que a autora teve na sociedade sendo ela mulher, negra e maranhense, submetida a todo os tipos de opressão, uma vez que a voz de muitos negros foram caladas, no contexto histórico em que suas obras estão inseridas, mesmo com toda sua intelectualidade, porém na condição de mulher negra já a limitaria. No entanto, ao trazer o negro como protagonista da sua própria história, tirando ele do papel secundário em que a sociedade o coloca e marginalizado, isso pode ter ocasionado o fato de suas obras terem sido ignorada por anos.

Ao ouvir a voz do próprio negro, relata por meio do discurso suas vivências, a retirada de sua pátria, a travessia nos porões dos navios até chegar em terras brasileiras, as violências que os negros sofriam na travessia e em terras brasileiras, esse posicionamento fez com que a obra *Úrsula* tomasse grande repercussão. Isso uma vez que traz consigo uma carga de subjetividade e marcas da escravidão, na primeira publicação do romance, assina com o pseudônimo “Uma maranhense” dar-se pelo preconceito com a classe feminina. *Úrsula* surge novamente em 1962, exatamente em momento da história que as mulheres lutavam por seu direito e movimento negro se fazia presente, na busca de igualdade e representativa na sociedade.

Consideramos que Firmina vem quebrar todos os padrões da sociedade em que vivia, traz um novo padrão da mulher, apresentando a personagem Susana, mulher esta já existente, porém esquecida pela sociedade da época, e não valorizada, rompendo os estereótipos associados à classe, colocando um olhar sobre a personagem, identificada como Mãe Suzana pela romancista, vindo explicar melhor a mulher negra, enquanto escrava, suas angústias, medos e a esperança, enfatizando que, mesmo sendo escrava, a mulher negra é símbolo de resistência. A escritora em sua obra trata a mulher de forma diferenciada, sem nenhum tipo de pejorativos, mas, sim, como um ser igual aos outros, mais o coloca na condição de escrava, sofrida e maltratada. Enfatizando a mulher negra africana que tanto sofreu na escravidão, no Brasil, dando ênfase aos episódios do negro caçado em sua terra mãe África, roubando não só a dignidade mais a própria alma.

O olhar da autora para as causas afrodescendentes perpassou a história e ganhou mais representatividade na contemporaneidade, tornando ainda mais presente as mulheres negras dentro da literatura. No entanto, as denúncias da escravidão são recorrentes nas escritas

como é o caso da escritora Conceição Evaristo, que traz denúncias não só de um passado escravizado, mas de uma sociedade que insiste em viver a escravidão.

No próximo subitem, veremos um síntese geral do que foi a literatura e seus principais movimentos e tendências, ficando nítido que por muito tempo prevaleceu uma literatura de estética, silenciando as vozes negras e a escravidão que se fez presentes por muitas décadas. A seguir, daremos continuidade às discursões sobre a literatura afro e negro brasileira. É esse âmbito literário que enfatiza uma escrita negra e de um passado escravo, como veremos no decorrer da próxima seção.

2.1.2 Literatura afro-brasileira e Negro-Brasileira

A literatura afro-brasileira aí está ancorada em um passado de escravidão, onde o negro por décadas foi e é tratado como objeto e ser inferior aos brancos, [...] a imagem do negro era carregada de estereótipos que socializaram e se torna referência pessoal de uma raça estigmatizada por mitos e lendas de uma suposta inferioridade em relação ao branco. Lopodote, Kovalski (2014,s/p). Esses estereótipos se perpetuam até hoje, tornando a representação do negro cheio de preconceito e desigualdade. Como bem ressalta, Lopodote, Kovalski (2014, s/p) “Percebe-se a necessidade crescente de romper os paradigmas do passado preconceituoso que limitou o negro à margem da sociedade, que lhe rendeu marcas de cunho negativo em sua trajetória pessoal e coletiva”. Sobe esse viés, a literatura afro-brasileira busca quebrar esses tabus existentes, trazendo o negro em suas obras não como coadjuvante, mas sendo o autor de sua história.

Segundo os estudos de Duarte (2007), “[...] no meio acadêmico, a literatura afro-brasileira é ainda um conceito em construção, objeto de discussão e controvérsias. [...]” (Duarte, 2007, p. 149). Mesmo em fase de construção, é evidente a presença dessa literatura nas obras literárias não só contemporâneas, mas, bem antes da contemporaneidade contribuindo de forma significativa na construção da sociedade e da identidade negra. Duarte (2007) menciona sobre questionamentos relacionados à existência da literatura afro-brasileira. Ressaltando que:

[...] ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espraia pelas literaturas regionais, a nos revelar, por exemplo, uma Maria Firmina dos Reis escrevendo, em São Luiz do Maranhão, o primeiro romance afro-descendente da língua

portuguesa – Úrsula – no mesmo ano de 1859 em que Luiz Gama publica suas Trovas burlescas... Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa. (Duarte, 2008, p.11)

O que pode perceber é que a literatura afrodescendente já era representada por autores bem antes dos contemporâneos, explicitando que a luta por um lugar na sociedade não é recente, mas autores já citavam os maus tratos da escravidão. Muitos tinham que resistir aos preconceitos e até a não aceitação de suas obras, como é o caso de muitos escritores que só tiveram suas obras reconhecidas com a literatura contemporânea, e não sendo aceito nos cânones, uma vez que, suas obras não seguiam os padrões existentes da sociedade em que vivia. Esse também foi o caso de muitos escritores mesmo trazendo os negros em suas obras, os colocam em um lugar inferior.

Tal forma que literatura afro-brasileira já havia representações, também encontrou dificuldades, pois os autores sofriam da cultura do branqueamento. Apesar da grande evolução da Literatura Afro-Brasileira, ela vem sendo " [...] motivada pela emergência de novos sujeitos sociais, que reivindicam incorporação de territórios discursivos antes eram relegados ao silêncio" Duarte (2005, p. 2). As restrições ainda são recorrentes e fazem presentes no discurso do enquanto processo de construção e resgates de vozes que ainda tentam silenciar no meio literário. Como conceitua Zin (2018):

[...] a literatura afro-brasileira, ao expor as mazelas e a natureza profundamente desigual de nossa sociedade, encontrou uma brecha para denunciar o preço de se viver em um país onde o fazer literário continua sendo reserva de classe e em que boa parte da população é excluída tanto de sua produção quanto de sua fruição. (Zin, 2018, p.270)

Tal afirmação nos mostra que a literatura afrodescendente não é completamente aceita pela população que se autodenomina branca, pois nela contém denúncias ao racismo e ao sistema opressor da sociedade e do país. É importante ressaltar que mesmo com o conceito de literatura afro não é de exclusividade. Essa literatura pode ser abordada por brancos, mas, segundo os estudos de Duarte, alguns elementos podem identificar essa escrita, sendo a temática, autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público. Ambas agregam conceitos que pode se configurar como uma escrita afro-brasileira, acarretando o resgate do povo negro no Brasil, assim como denúncias à escravidão, à definição do que é ser negro em solos brasileiros, buscando uma igualdade na escrita de uma literatura negra de autoria de brancos.

A literatura afro-brasileira retira o negro do lugar de objeto, ser inferior e marginalizado na escrita dos brancos, e o coloca como autor de sua própria história, para que diante de suas visões do mundo e de suas vivências passe a escrever sua história sem nem estereótipos que os brancos nos atribuíram, pois, de acordo com Cuti (2010, p. 11), “[...] o Brasil é dos brasileiros, porém é preciso acrescentar que é de todos os brasileiros.” Parafrazeado o autor, o Brasil não é pertencente apenas a população branca, mas sobretudo aos negros que mesmo sendo maioria é a classe mais inferiorizada, que tem suas conquistas ainda ocultas pelos brancos, continuando uma hierarquia de um país exclusivo para brancos.

Essas informações ficam evidentes quando Cuti (2010, p. 25) afirma que: “Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências”. Os negros-brasileiros encontram no próprio preconceito uma forma de se manifestarem e trazerem à tona essas relações com a raça negra, mostrando como o sistema ainda oprime e menospreza essa classe e nos marginalizando a cada dia.

Enquanto aos conceitos de afro-brasileiro e negro-brasileiro, Cuti (2010) discorre que a “afro-brasilidade” pode sobreviver sem o negro, uma vez que um afro-brasileiro pode ser um não negro”. Em outras palavras, um branco mesmo diante de toda sua experiência e conhecimento das causas do negro, ele nunca poderá senti ou até mesmo se expressar em suas obras, algo que ele não vive de forma concreta em contrapartida os autores negros lança-se nessa escrita, não apenas de forma superficial, mas de quem vive, experimentaram e sentiram o preconceito e algum momento. Discorrendo ainda que a “A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África” Cuti (2010, p. 44). Quando o autor se autor se auto-declara negro em suas obras, toma por si uma coletividade e uma aceitação do seu próprio eu, sua própria identidade.

Essa literatura é resistência de um raça que luta, mesmo vivendo em um país que tenta apagar da história os apontamentos de nosso passado negro, não deixando embranquecer, em que a resistência feminina se manteve ganhou seu espaço, a literatura afro-brasileira e negro-brasileira vem passando por grandes descobertas, proporcionando a ampliação de seus corpus, momento também propício para a representatividade das mulheres negras vem exercendo essa resistência por meio de suas escritas. A obra que analisamos é uma literatura de resistência tanto na escrita como na própria autora, diante disso o conceito de resistência é uma marca presente no decorrer de todas as discussões.

Diante de tudo que já foi ressaltado anteriormente, a seguir iremos ver de forma explícita o conceito de resistência, que na próxima sessão iremos discorrer toda essa luta por seu lugar e de sujeito na sociedade.

2.1.3 Resistência

Se pensarmos esse termo relacionado a escravidão, observamos que a resistência consiste na não aceitação da escravidão, em que os escravizados resistiam ao cativo, prática essa que no Brasil se fez presente por anos de nossa história.

Nesse época, as mulheres negras não eram poupadas dos castigos; no entanto, os castigos recebidos por elas eram ainda maiores que os dos negros. Além dos açoites, tinham seus corpos violentados com a prática do estupro. Evaristo (2005) discorre sobre o conceito de mulher negra e sua sexualidade “A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor.” (Evaristo, 2005, p. 52). Com essa afirmação, é perceptível que ainda vivemos período de grande luta e resistência, a todos os tipos de preconceito existente na sociedade atual, por ter uma visão totalmente contrária da mulher negra.

Percebemos que diante de tantos estereótipos colocados nas mulheres negras, levando em conceito o que a sociedade impõe, que a mulher branca é um ser frágil, enquanto a negra servia de doméstica e objeto de prazer para o seu senhor, desse modo nós temos essa falsa representação da mulher negra, esses estereótipos já é existentes em relação ao período escravista, no qual as mulheres negras eram escravizadas.

A literatura escrita por mulheres negras foram silenciadas, e tidas como algo sem valor e inferior comparando-se a dos brancos, mas, as escritoras negras resistiram, escreveram e continuam a lutar contra esses conceitos que são visto pela sociedade, mesmo com tanto preconceito não conseguiu nos calar como ressalta Silva (2012, p. 108) “[...] O discurso hegemônico do patriarcalismo não conseguiu abafar vozes, principalmente de algumas mulheres que estavam contentes em serem rotuladas de o segundo sexo e que, por isso, se negaram à subordinação.” Essas mulheres não aceitavam os padrões que a sociedade empunha á elas e tão pouco rotuladas como sexo inferior na sociedade.

Evaristo (2005) reconhece que as mulheres negras ainda hoje sofrem com esses estereótipos, havendo ainda essa necessidade da mulher negra ser auto representação na sociedade que se atua. A mesma menciona a ausência da representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil esse que é dado para as mulheres brancas. Nesta

percepção, é notório que todas essas questões já vêm de um regime totalmente patriarcal, em que a própria literatura não dava essa liberdade para que mulheres negras pudessem escrever. Contudo, foi na literatura que muitas delas ganharam esse espaço, para expressarem seus sentimentos. Por meio dessa percepção, foi possível trazer os sentimentos mais íntimos de cada personagem, buscando dentro das obras essa igualdade entre brancos, negros, pobres e ricos.

No entanto, a escrita feminina negra tem tido uma não aceitação por parte da sociedade, levando algumas escritoras a assinarem suas obras com pseudônimos, como é o caso de Firmina. Tal escrita foi um grande marco que se consolidou como esfera de resistência, gerando espaço a muitas outras escritoras, como é o caso da maior representatividade contemporânea da literatura negra Evaristo, e muitas autoras que fazem uma auto representação da mulher negra, criando uma literatura, em que a mulher negra deixa de ser um objeto e passa a ser o sujeito. Com isto, iremos observar que a obra a ser analisada traz em si, essa marca da escrita negra que a princípio não houve total aceitação por parte de escritores, no entanto faz se presente.

Diante das discussões traçadas no decorrer dos textos, percebemos que, há marcas presentes de violências nas falas citadas. Diante disso, iremos discorrer no próximo capítulo, de forma explícita e sucinta, o conceito de violência sob um olhar literário.

3 O CONCEITO DE VIOLÊNCIA SOB O VIÉS LITERÁRIO

A violência é algo que infelizmente se perpetua de forma recorrente no dia a dia de diversas pessoas pelo mundo. Sabe-se que existem mais de um tipo de violência e que estes têm os seus malefícios para as pessoas que as sofrem. Ao falar em violência, é nítido que existem diversos tipos que se apresentam de maneiras distintas, mas que afetam a vida das pessoas que as sofrem, da mesma forma. A violência pode se mostrar de maneira explícita, com marcas pelo corpo, mas também pode vir de maneira silenciosa, afetando diretamente a mente da vítima.

Pensando nessa questão de violência, estudaremos quais esses tipos e de que forma se fazem presente em escritos literários vindos como uma maneira de trazer um olhar mais crítico em relação a esses atos.

3.1 Conceitos de violência

Primeiramente, é importante abordar sobre o conceito de violência, visto que ela pode ser notada das mais diversas formas possíveis, mas também podem ter casos em que essa violência pode acabar passando despercebida. Paviani (2016) traz um conceito sobre de que forma é visto o termo e a ação de violência:

[...] a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros. A origem do termo violência, do latim, violentia, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. (Paviani, 2016, p. 8)

Paviani (2016) trouxe um breve conceito do que é a violência e de que forma ela se faz presente na vida do ser humano, o autor cita que a violência expressa o ato de violar, ou seja, algo fora do estado natural a ponto de machucar fisicamente o outro ou a si mesmo, além de trazer danos psicológicos.

Para Toledo (2003, p. 44), a violência pode ser considerada “um fenômeno de múltiplas causas: não existe uma violência, mas uma multiplicidade de atos violentos, em que as significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro.” Toledo (2003) explicita violência como um fator de inúmeras faces, pois são múltiplos atos violentos, ou seja, a violência não tem definição única, como já mencionado anteriormente a violência pode ser causada de muitas formas desde a violência física, aquela em que é vista no corpo, como também a violência psicológica, que é sentida de forma interior.

Pensando nesse viés, serão estudados no decorrer deste capítulo esses dois tipos de violência, que podem ser vistos como os mais presenciados na vida real, como também nas representações de obras literárias. Falar sobre violência representada na literatura, é trazer também denúncias a respeito disso. Dentro das literaturas afro-brasileira ou negro-brasileira, existem diversas personagens negras/mulheres que são colocadas por autores (as) negros (as) justamente para enfatizar a normalidade existente na sociedade em relação a violência sofrida por esses personagens que são visivelmente notadas no mundo real.

Severiano (2018) discorre sobre essa visão da violência representada na literatura, para a autora “[...] a literatura tem feito registros de como a violência se apresenta em diversas nuances, de forma física ou simbólica, tendo o agressor como representatividade da cultura dominante.” Severiano (2018, p. 39) ao citar o agressor como representatividade da cultura

dominante, a autora explicita sobre como as violências se dão de forma expressa nas pessoas que são consideradas minoria, ou seja, mulheres, mas precisamente em mulheres negras.

A literatura vem justamente para denunciar a violência que é frequente na vida de mulheres negras. As autoras chegam através de seus personagens como porta-vozes para denúncias, trazer a tona a violência que muitas vezes é ignorada e tolerada pela sociedade.

Sales, Oliveira e Júnior (2022) ressaltam a importância que a literatura tem para que muitas mulheres, que viviam sofrendo diversos tipos de violências tivessem essa independência, os autores citam que:

[...] a literatura impulsionou o processo de independência da mulher, como também alertou acerca da violência sofrida, buscando a mudança no tocante à imagem feminina, fazendo com que a sociedade deixasse de ter a mulher como um objeto de propriedade do homem e passasse a ser enxergada como um sujeito de direitos detentora de proteção do Estado. Sales, Oliveira e Júnior (2022, p. 6, 7)

Os autores aqui abordaram a importância que a literatura tem para a mudança na imagem feminina, pois mostrou que através de escritos da literatura, a sociedade de certa forma passou a enxergar que a mulher não era um objeto de propriedade do homem, mas sim uma mulher independente que é detentora de todos os direitos de proteção do Estado.

A violência, muitas vezes, acaba não sendo enxergada por quem está fora da situação e não é aceita por quem está vivendo-a, mas sabemos que a violência perpetua desde sempre, desde séculos passados até a nossa contemporaneidade. Grossi (2012) explica essa questão de que a violência se faz presente de forma direta e indireta:

[...] podemos nos dar conta que a violência pode ser explícita, direta ou, então, indireta. Assim, podemos vê-la claramente acontecendo, quando, por exemplo, presenciamos uma briga na rua, uma cena de tiroteio na televisão, uma discussão acalorada. Ou quando nos damos conta de sua existência porque percebemos os resultados [...] A violência tem muitas caras, algumas disfarçadas de tradição, outras de moralidade, outras, sem disfarce algum, mas sempre carregadas de algum tipo ou quantidade de poder que lhes permitam violentar em alguma extensão (Grossi, 2012, p. 51-52)

Grossi (2012) resalta então que a violência possui diversas faces, por isso, que às vezes acaba sendo ignorada ou vista como algo normal para a sociedade e relaciona isso ao poder, a poder que a sociedade impõe a determinado grupo, fazendo com que situações violentas sejam relacionadas e disfarçadas de tradição. Dessa forma, o principal objetivo a ser tratado neste capítulo é apresentar os principais tipos de violência, as quais aqui serão

destacadas a violência física e a violência psicológica, que as mulheres sofrem e que são representadas dentro da literatura.

3.1.1 Violência física

Violência física é todo ato que causa danos físicos a outra pessoa, que deixam marcas aparentes e que em muitos casos são irreversíveis. Segundo Coelho, Silva e Lindner (2014):

violência física ocorre quando uma pessoa está em relação de poder com a outra, podendo causar ou tentar causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que possa provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. Abrange ainda agressões físicas ou a intenção de realizar tais agressões, como ameaçar de jogar algo ou de dar um soco. (Coelho, Silva e Lindner, 2014, p. 20)

Para as autoras, a violência física envolve todo ato de agressão, uso da força física ou de algum objeto que possa causar danos físicos a outra pessoa, a violência física é vista como uma relação de poder, ou seja, a pessoa que pratica a violência se vê como superior em relação à vítima.

Todo ato violento de forma física está sujeito a trazer danos para a vítima. É importante destacar que esses tipos de violência nunca se encontram de forma isolada, é como se determinada violência acompanhasse a outra. A violência física pode desencadear também outros tipos de violência, como a psicológica, por exemplo. Os atos violentos de forma física não deixam somente marcas corporais, mas também afetam a mente de quem as sofre.

Pensar na violência física e em outros tipos de violência dentro da literatura é trazer também diversos personagens, as quais muitos autores retrataram as violências que eram e são presentes e sofridas por essas personagens, a literatura veio como uma forma de trazer denúncias sobre essas inúmeras violências, principalmente quando a questão é a violência contra a mulher, como cita Paim e Umbach (2017):

[...] apesar de lermos em revistas e jornais atuais sobre a violência contra a mulher, sabemos que ela já existia em séculos passados. Contudo, e felizmente, a Literatura, desde os seus primórdios e a cada dia de forma mais inovadora, tem nos presenteado com obras que tratam desse tema, para que assim a literatura seja (re)pensada, analisada e discutida, com o propósito de fazer o leitor refletir sobre assuntos como esse. (Paim, Umbach, 2017, p. 176)

Como citam as autoras, a literatura traz obras que fazem com que os leitores pensem e repensem sobre casos de violência e como esses casos estão presentes no nosso cotidiano. A literatura vem mostrando esse tipo de violência em suas obras desde os primórdios, trazendo personagens como Preta Susana, que sofreu diversos tipos de violência quando se viu obrigada a sair de sua terra natal para ser escravizada.

E pensando nas violências que Preta Susana sofria, podemos destacar que todo tipo de violência como dito anteriormente vem desde os primórdios, quando iniciou-se o período da colonização e escravidão, como foi o caso da personagem citada. Severiano (2018, p. 41) reforça essa ideia “a violência não se restringe a uma manifestação alheia ao tempo e ao espaço em que acontece, ela é entendida também pela perspectiva histórica, visto que esta constitui atos violentos desde o período da colonização, passando pela escravidão, pela ditadura, até os dias atuais.” Os atos violentos apenas se estenderam e aumentaram cada vez mais, surgindo e sendo reconhecidos outros tipos de violência, não somente a violência física.

Os autores literários usam as suas vozes na literatura justamente para que os leitores possam atentar-se a esses atos que são presentes na sociedade e que através de literatura de séculos passados, vejam que as denúncias sempre se fizeram presentes, mesmo que em determinadas épocas eram amenizadas ou pouco percebidas. Pensar sobre violência física é ver o quanto as pessoas que a sofrem, destacando aqui, as mulheres, se veem obrigadas a guardarem marcas que jamais serão apagadas, pois, o ato violento, como já mencionado anteriormente, faz com que a vítima fique em uma posição de inferioridade, pois, quem pratica a violência coloca-se acima da vítima, como um ato de poder sobre esta.

E pensando nessa ideia de poder sobre outra pessoa, ou seja, sobre as mulheres, em muitos casos a violência passa a ser naturalizada, justamente por essa ideia de inferioridade, e acaba sendo associada a questões de sobrevivência, como ressalta Alves (2017, p. 5) “A visão disciplinar da violência física contra as mulheres, torna por naturalizar as situações de violência e passa a representar uma corrente que aprisionam as mulheres negras por conta das condições precárias de sobrevivência, situações de violências urbana, doméstica e familiar.” Então, em muitos casos de violência, as mulheres se veem aprisionadas.

3.1.2 Violência Psicológica

Primeiramente, é importante pensar no conceito de violência psicológica, entender quais as principais características trazidas nesse tipo de violência. Segundo Severiano (2018), para a OMS (Organização Mundial da Saúde)

Violência psicológica qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. (Severiano, 2018, p. 46)

Segundo Severiano (2018), ressaltando o que diz a OMS, a violência psicológica é todo tipo de ação que prejudique o bem estar psicológico da vítima, geralmente se caracteriza por insultos, ameaças, manipulação, humilhações, ações que prejudicam a pessoa que sofre a violência. Geralmente, a vítima não consegue enxergar que está passando por atos violentos, pelo fato de não envolver força física. A violência psicológica é vista por muitas vítimas e até por quem a pratica como uma forma de proteção, e por esse fato ela acaba sendo minimizada. No entanto, é importante destacar que esse tipo de violência é uma das mais agressivas, pois acaba controlando a mente da vítima, com risco de acontecer atos ainda piores.

Saffioti (2015, p. 79) ressalta que “as violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional estará presente.[...]”. Observando a posição de Saffioti (2015), podemos destacar que a violência emocional/psicológica se encontra presente em diferentes e nos demais tipos existentes de violência, é visto como uma pirâmide de atos violentos que muitas vezes inicia com a violência psicológica para vir a tornar-se violência física, por exemplo.

Os danos psicológicos, danos causados apenas na mente da vítima, na maior parte dos casos torna-se um tipo de violência isolada, pelo fato de não ser vista a olho nu. Como afirma Severiano (2018, p. 47), “Esse tipo de violência, por não deixar marcas físicas ao alcance do campo visual, acaba se tornando uma das violências de maior dificuldade de identificação, e de menor importância sintomática por não poder ser “vista”.” Com base no que foi ressaltado pela autora, a violência psicológica acaba não tendo a importância de ser vista como algo que vai afetar a vítima, justamente pelo fato de não apresentar marcas físicas.

Dentro da literatura, a violência psicológica é bastante trabalhada através de personagens que sofrem esse tipo de violência e geralmente são colocadas em situações cotidianas e corriqueiras, como cita Severiano (2018).

Essa temática surge cada vez mais recorrente na literatura, visto que as opressões sociais corriqueiras, a instabilidade do ser como um membro atuante na sociedade, e a avidez explosiva das relações, tornam as pessoas violentas em seus convívios, o que dá margem para muitos temas relacionados às agressões - seja ela aquela que deixa marcas corpóreas ou no subconsciente. (Severiano, 2018, p. 48)

A violência psicológica, por não ser vista a “olho nu”, é considerada um ato violento silencioso, e por ter essa nomenclatura acaba afetando a vítima de maneira bem mais agressiva “a exposição a essa violência, que consideramos como uma “agressão silenciosa”, em seus diferentes níveis, causam transtornos que desestruturam a estabilidade emocional da vítima Severiano (2018, p. 47). Como Severiano defendeu, a agressão silenciosa desestrutura o emocional da vítima, causando-lhe transtornos que podem afetá-la para a vida toda.

Dessa forma, a violência psicológica vem sendo retratada na literatura pelo olhar de autoras e autores que veem o quanto esse tipo de violência maltrata e desestrutura as pessoas, trazendo personagens que vivem esse tipo de violência, no caso de Preta Susana, a violência psicológica é retrata pelo trauma que vive a personagem ao lembrar de tudo que viveu na escravidão e de seu sofrimento no traslado vindo da África.

Trabalhar a violência sob o viés literário é retratar na arte da literatura denúncias de casos e fatos muitas vezes ignorados, mas que surgiram desde a colonização e perpetuam até os dias atuais. A análise que contempla esse trabalho se baseia no olhar de Maria Firmina dos Reis com relação a violência sofrida pela personagem Preta Susana, do seu Romance Úrsula, enfatizando como a autora trouxe esse olhar voltado como forma de retratar o sofrimento passado por uma mulher negra, que fora escravizada, que sofreu violência física e que a violência psicológica se fez presente em todos os dias restantes de sua vida, pois, se tornou traumas que jamais foram esquecidos.

4 UMA ANÁLISE DAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR SUSANA NO NONO CAPÍTULO DO ROMANCE ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

A obra Úrsula é um romance em que a narrativa traz a história de dois jovens, Úrsula e Tancredo na obra também há os personagens Luisa B, Comendador P, Túlio e Susana.

Úrsula é uma jovem branca, pura, simples e solitária, que dedica seus dias a cuidar de sua mãe, que não goza mais de uma boa saúde.

Já Tancredo é nobre bacharel, íntegro e de coração bondoso, que se dedicou aos seus estudos, abstando do convívio de sua amada mãe. Luisa B, mãe de Úrsula, mora na fazenda que herdou de seu pai na divisão de bens ao casar-se, não dispendo de uma boa saúde teme em deixar sua filha desamparada, e das atitudes do irmão o Comendador P, que é um homem de má, perverso e rancoroso, que rompeu os laços com sua irmã após seu casamento, e muito conhecido por seus maus tratos aos criados.

Ainda na divisão de bens, Túlio, um dos que servia a fazenda do Comendador, foi morar com Luisa B, em sua fazenda, Túlio é um dos negros que nasceu em cativo e sonha com em um dia usufruir de sua liberdade, Túlio, traz em se um passado doloroso que ainda na infância sofreu a perda de sua mãe, vivendo aos cuidados de Mãe Susana, era como ele se referia a preta Susana, que já era de uma senhora que ainda na mocidade foi retirada de sua pátria, para ser escravizada no Brasil. Ela e Túlio foram morar com Luisa B, sendo cessada de muitos sofrimentos.

A autora maranhense, Maria Firmina dos Reis, rompe com essa escrita literária exclusivamente por homens brancos. Firmina possibilitou que mulheres adentrarem no espaço de escrita literária, tendo seu lugar de fala reconhecido. Com isso, a obra Úrsula é o primeiro romance abolicionista do Brasil e da literatura afro-brasileira. Esse romance traz a narrativa de um triângulo amoroso, entre Úrsula, Tancredo e Comendador P. Que, ao conhecê-la, se apaixona de forma obsessiva pela sobrinha, diante de muitos acontecimentos a mãe de Úrsula veio a falecer, deixando a jovem à mercê de seu tio e a triste sorte de seus infortúnios.

Em seguida, o nono capítulo traz a personagem Susana que é o foco principal da análise, na qual, Susana em diálogo com Túlio, faz questionamentos á Túlio, a respeito da liberdade que ele busca, Susana, traz consigo relatos por meio de recordações de memórias vividas, sua vida antes de ser capturada de sua terra natal e jogada nos porões de um navio negreiro, junto com outros negros, as situações desumanas e deploráveis que foi sua travessia até chegar em terras brasileiras para ser escravizada, tudo isso Susana relata a Túlio com muita dor.

Susana, mesmo sendo personagem secundária, ganha voz e faz relata das dores da escravidão e as marcas que isso lhe causou ao corpo e memória, ela torna protagonista de sua própria história, o desfecho do romance ocorre de forma trágica, Tancredo e Túlio são assassinados, Úrsula com a perda de Tancredo, perde o interesse pela vida e veio a loucura e aos poucos sua vida foi ceifando. Susana vive seus últimos dias em cativo e lá foi esquecida sem água e comida, o que a levou à morte. Comendador consumido pelo remorso enlouquece e se confina em um convento, onde teve seus últimos dias de vida.

Tendo observado esse breve resumo da obra *Úrsula* e as discussões traçadas até aqui, neste capítulo tratar-se-á sobre as violências sofridas por Preta Susana no romance *Úrsula*, no capítulo nove. É importante destacar que nos capítulos anteriores da obra não há marcas frequentes de violência sofridas por Susana, mas no capítulo nove ocorre com muita frequência. E nos capítulos seguintes também há, no entanto, elas ocorrem de forma não recorrente. Diante disso, as análises que serão realizadas a seguir serão iniciadas a partir do capítulo nove

Ao realizar a leitura do romance e observar as falas e aparições da Preta Susana na obra, fica evidente a presença da violência psicológica e física sofridas por Susana, pois ambas ocorrem de forma simultaneamente. A violência física ocorre quando a personagem sofre agressões físicas, as quais ocasionam machucados no corpo e afetando a vida de quem sofre, desde machucados mais leves até machucados mais sérios, como ressaltaram Coelho, Silva e Lindner (2014), ao trabalharem o conceito e as características de violência física.

A violência psicológica ocorre quando há agressões verbais, agressões que diminuem o outro, ameaças, manipulações, o que ocasiona isolamento, assujeitamento ao outro, a violência psicológica enfatizando o que é trazido por Severiano (2018) faz uso principalmente de ameaças, e traz a ideia de um poder maior, usando basicamente a falar como principal meio para tal agressão.

Ou seja, ambas as violências são relacionadas, pois quando ocorre violência física automaticamente esta deixa marcas psicológicas na vítima. Isso será muito perceptível na obra em que Susana sofre ambas as violências de forma simultânea. Diante disso, seguimos com a análise do capítulo nove, com a primeira marca de violência sofrida por Susana. Isso ocorre por meio de um diálogo que ocorre entre Susana e Túlio, cito:

Susana chama-se ela; trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (Reis, 2017, p. 99)

Nesse trecho inicial do nono capítulo, a autora descreve Susana, destacando como eram suas vestes e sua aparência física. No trecho “pernas magras e descarnadas”, há evidências a violência sofrida por Susana, os maus tratos físicos. Susana se encontrava em estado de descuido, má alimentação, perceptíveis quando a autora destaca “pernas finas magras”, também há marcas de violência física, quando Maria Firmina dos Reis ressaltava que Susana encontra-se com as “pernas descarnadas”. Mesmo tendo aparência sofrida,

percebemos o descaso com Susana, em relação a sua ao seu estado físico, como bem ressalta Grossi (2012) ao falar que, a violência possui muitas caras e acaba sendo ignorada ou tida como algo normal para a sociedade, dependendo do grupo que se faz parte. Pois é nítido que ela sofreu violência, uma vez que Reis (2017) cita que as pernas da personagem Susana estão feridas. Nesse trecho, tem-se a marca da violência física sofrida por Susana.

Dando continuidade ao diálogo entre preta Susana e Túlio, a personagem Susana profere que:

– Tu! Tu livre? Ah não me iludas! – Exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és já livre?...

– Iludi-la! – Respondeu ele, rindo-se de felicidade – e para quê?

Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como éreis na vossa pátria.

Essas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa; soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra, e com ambas as mãos cobriu os olhos.

Túlio olhou- a com interesse; começava a compreender- lhe os pensamentos.

– Não se aflija – disse –Para que estas lágrimas? Ah! Perdoe-me, eu despertei-lhe uma ideia bem triste!

A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou:

– Sim, para que estas lágrimas?!...Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu gozei na minha mocidade!

[...] (Reis, 2017, p. 101)

No trecho que se destaca acima, a personagem Susana recorda de forma dolorosa tudo que ela sofreu desde sua retirada de sua terra natal, para ser traficada. Ficando evidente quando a autora destaca que a personagem teve uma “recordação dolorosa” ao recordar as violências físicas e psicológicas que ela sofreu principalmente por ser retida de forma tão cruel de sua amada pátria.

Ao fazer essa recordação Susana solta “um gemido magoado”, ou seja, a autora destaca as marcas de violência psicológica que Susana traz com ela. A violência sofrida por Susana se perpetua para sempre em seu psicológico, pois ela sempre recorda. Isso mostra que a violência psicológica, por mais que não deixe marcas físicas e mesmo com o decorrer dos anos, deixa marcas irreparáveis na memória, no psicológico de quem a sofre isso implica em toda vida de Susana (Severiano, 2018). Pois mesmo Susana não sendo mais vítima de violência física com sua atual senhora, isso não é o suficiente para apagar tudo o que ela já viveu. No entanto, como mostra, Susana não acredita na liberdade que Túlio tanto almeja.

Ela, por saber que seria algo impossível de conquistar o questiona em relação, pois bem sabe que liberdade igual como a que eles tinham não as teria mais, diante de tantas

lembranças, Susana põe-se a chorar durante o diálogo com Túlio e as caracteriza como “um tributo” e saudade. Saudade da família, de sua terra, da sua liberdade, da qual ela bem destaca como tendo aproveitado muito na sua juventude, no entanto, liberdade essa que lhe fora outrora roubada.

[...] E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até minha própria liberdade!

Estava extenuada de aflição, a dor era- lhe viva, e assoberbava- lhe o coração. (Reis, 2017, p. 102)

Susana continua seu diálogo com Túlio frisando sobre a saudade de sua liberdade e da terra natal. Nesse momento, no capítulo nove, Susana relembra não só sobre seu país, mas também sobre a saudade de sua família, seu esposo, sua filha, os quais ela foi obrigada a deixar para trás, juntamente com sua liberdade que era uma de suas maiores dores.

Para Severiano (2018), a violência psicológica é a “[...] exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e a autodeterminação. [...]” (Severiano, 2018, p. 46). Desse modo, Susana passou por esse processo de exploração ao ser escravizada. E no momento em que retiraram bruscamente seus direitos, não deram a ela o poder de escolha. Ou seja, ela passou a não ser mais dona de suas vontades, anseios e desejos, visto que estes passaram a ser dominados por terceiros. Com isso, ela perde sua própria liberdade, o direito de ver sua filha crescer e o prazer de estar junto dos seus.

Esse fragmento deixa claro a violência sofrida pela personagem, em que ela foi arrancada de seu seio familiar e de seu país, de forma bárbara, assim, houve a efetivação da violência física sofrida por Suzana.

Como já citado, a personagem também passa por violência psicológica, visto que os traumas a acompanham no decorrer de toda sua existência, pois tudo ficou gravado em sua memória, a violência física sofrida, as palavras proferidas a ela com tom agressivo, as dores sentidas por ela.

O diálogo entre os personagens continua e logo a seguir a autora traz as evidências concretas de como ocorre algumas violências físicas sofridas por Susana.

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente que ai me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!... (Reis, 2017, p. 102-103)

Nesse parágrafo, Susana relata o quão bárbaro foi sua captura e como ocorreu sua retirada de seu país e de sua família para assim ser escravizada em outro país, fica evidente que Susana sofreu ao ser retirada a força sem poder defender-se, ela destaca a violência física sofrida ao ser amarrada com cordas por dois homens, nesse momento tornando-se escravizada.

Ao destacar sobre violência física, Coelho, Silva, Linder (2014. p, 20) ressaltam que ela “[...] ocorre quando uma pessoa está em relação de poder com a outra, podendo causar ou tentar causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que possa provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. [...]”. Sendo exatamente isso que aconteceu com Susana ao ser capturada, não podia mais gozar de sua liberdade, uma vez que essa lhe foi arrancada cruelmente sem nenhum temor.

Nesse momento, ocorrem os dois tipos de violência, a física, como destacado pelos autores anteriormente (Coelho, Silva, Linder, 2014. p, 20) e a violência psicológica. Para Safioti (2015, p. 79), ao sofrer a violência física, o sujeito também sofre a violência psicológica, pois os maus tratos ficam marcados em sua memória. As marcas de violência psicológica são notórias quando a personagem clama por liberdade, no entanto, ela é zombada, os bárbaros que a capturaram apenas riam de suas súplicas.

A personagem ainda ressalta sobre sua dor ao ser retirada sem liberdade de escolha de sua terra para ser escravizada, e ela tinha uma vida de felicidade e sua plena liberdade, mas tudo lhe foi roubado, e ela fala sobre o sentimento angustiante que foi tudo isso e como afetaram sua vida no passar dos anos. Pois, ela ainda relembra de forma recorrente sua dor.

A súplica feita por Susana ao dizer “Meu Deus O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar” deixando evidente que por mais doloroso que fosse, ninguém poderia mensurar tudo que ela passou. Susana dá continuidade ao diálogo com Túlio, agora, relatando o que ela denomina como “cativeiro”.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias e cruéis tormentos, e de falta de tudo quanto é mais necessária à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros a falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. (Reis, 2017, p. 103)

Nesse relato por meio de suas memórias, Susana destaca como ela e outras pessoas estavam sendo transportadas em condições desumanas, em que tudo lhes faltava. Retiradas de seus países e de suas famílias para se tornarem escravizados. Susana os denomina como “mercadoria humana”. Assim, ela relata de forma minuciosa seu cativo e a travessia dentro do porão de um navio. A autora fala sobre a escravidão por meio das lembranças da personagem, e das violências físicas e psicológicas que ela carrega em si.

Susana relata a violência física que sofreu ao destacar que a jogaram em um porão apertado juntamente com outras pessoas. Esse lugar era infectado de sujeiras, bichos e restos de comidas, onde eles tiveram que passar trinta dias de muitos tormentos, sofrendo bárbaras humilhações, todos foram obrigados a serem transportados em pé, amarrados e acorrentados.

O ato de acorrentar é uma violência física, pois Susana, assim como as demais pessoas, não tinham como se defender ou se movimentar para fazer suas simples necessidades. Havia falta de água potável e, além disso, a pouca quantidade de água que lhe era servida era sem condições alguma de consumo. No entanto, para própria sobrevivência, Susana obrigava-se a beber e sobreviver dos restos de comida que lhes eram servidas.

Diante dos maus tratos e de todas as violências sofridas, muitos chegavam a óbito, ao passo que outros, ao verem seus companheiros morrerem em consequência dos maus tratos, optavam pelo suicídio. Ou seja, muitos davam-se a morte antes de chegar ao destino final, jogava-se ao mar, pois para eles era preferível morrer do que a escravidão e a tortura que estavam sofrendo.

A autora deixa claras as violências que Susana sofreu em todo esse trajeto até ancorar-se em terras brasileiras. Tais acontecimentos acarretaram em profundas marcas psicológicas e físicas deixadas em Susana, que ao relembrar relata a falta de compaixão de seus semelhantes para com os outros.

Nos últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar a morte aos cabeças de motim.

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades.

Não sei ainda como resistir – é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de serva com novos tormentos que aqui me aguardavam.

O comendador P... foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram, doeram-me até o fundo do coração! O comendador P... derramaram sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por falta de Inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que davam a meus irmãos, e tão rigorosos com os que eles sentiam. Eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça.

Pouco depois casou-se a senhora Luísa B... e ainda a mesma sorte: seu marido era um homem mau, e eu suportei em silêncio o peso do seu rigor. (Reis, 2017, p.103-104)

Neste trecho da obra, Susana relata que nos últimos dias da viagem já havia a escassez de alimentos para ela e seus companheiros. Diante de tamanho infortúnio, muitos já não tendo forças lamentavam-se diante da situação. Susana também ressalta que para dar fim aos que já estavam agonizando diante de todo sofrimento e violência, sobre eles era lançado água juntamente com breu fervente, configurando-se a violências física, uma vez que seus corpos eram queimados, com isso, muitos por já estarem em condições decadentes não resistiam e morriam.

Logo em seguida, Susana faz menção a dor de perder a sua pátria, seus queridos familiares e sua liberdade. Esse sofrimento vivido no passado ocasionou profundas marcas em seu psicológico e em seu corpo, pois, Susana destaca que houve muitas atrocidades em todo percurso de sua viagem até sua chegada em terras brasileiras.

Mas à frente, ela o faz um autoquestionamento referente a sua sobrevivência, ou seja, como ela conseguiu sobreviver a tantos maus tratos que sofreu. Além disso, ela ainda menciona que sofreu nas mãos de seu “dono” que a comprou que foi o comendador P... Tal sofrimento fica nítido quando Susana descreve-o com tanto terror e pavor, e ao ver a situação em que se encontrava seus irmãos, isto é, os outros escravizados que já haviam na fazenda e que pertenciam a ele.

Susana, traz em sua memória feridas profundas das violências que sofreu nas mãos do comendador P... Dos castigos que recebia dele, ela sofreu sem nenhuma piedade por parte do comendador. Não tendo possibilidade de se livrar de tamanhas violências sofridas, continua a suportá-las, mas agora os maus-tratos vinham do esposo de Luísa B..., que era Paulo B..., pois Susana foi dada como parte da herança que Luísa B... recebeu do comendador

P..., seu irmão, após seu casamento. O Paulo B... não hesitava em castigar Susana. Ela relata que sofreu toda a violência em total silêncio.

Em seguida, Susana continua a fazer memórias de sua vida como mercadoria de Paulo B... que para ela era um homem mau, sem piedade para com o próximo. Diante disso, Susana continua seu relato, proferindo sobre como passou a ser tratada por Luísa B... e sua filha Úrsula.

Senhor Paulo B...morreu, e sua esposa e sua filha procuraram em sua extrema bondade fazer-nos esquecer nossas passadas desditas! Túlio, meu filho eu as amo de todo meu coração, e lhes agradeço: mas a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar! – Meu marido, minha filha, minha terra... minha liberdade...
E depois ela calou-se, e as lágrimas, que lhe banhavam o rosto rugoso, gotejaram na terra. (Reis, 2017, p. 104)

Nesse trecho destacado, Susana traz consigo palavras de gratidão ao se referir a Luisa P... e sua filha Úrsula, pois diante da morte do esposo de Luisa P, que era o Sr. Paulo B... Susana passou a não ser mais castigada, ou seja, seu sofrimento físico foi amenizado, pois Luísa B... e Úrsula tentaram compensar todo sofrimento e violência que Susana sofreu, dando a ela a oportunidade de uma vida sem violência e maus tratos.

No entanto, a personagem Susana deixa nítido em seu relato que as marcas da violência sofrida em seu passado não tão distante, ainda perduram em sua vida, não mais através da violência física, mas por meio das memórias que ela sempre toma sobre todo sofrimento vivido por ela.

Ao rememorar todo seu sofrimento Susana finaliza destacando que mesmo sendo acolhida e tratada bem por Luísa B... e Úrsula, nada apaga ou ameniza a dor por ter sido obrigada a deixar sua família, sua terra e sua liberdade. Pois para ela, a dor que carrega no coração, somente poderá ser apagada por meio de sua morte.

Destarte, a análise deixa nítido que a violência psicológica assim como a violência física, deixaram marcas profundas em Susana, acarretando em um sofrimento contínuo, o qual nada e nem ninguém poderá faze-la esquecer. Dendo em vista que, toda sua trajetória de vida desde que foi escravizada foi marcada por muito sofrimento, violência, tortura, maus tratos e péssimas condições de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa me permitiu perceber e afirmar a importância da literatura negra e afro-brasileira para a sociedade de um modo geral, mas principalmente para a população negra, a qual nem sempre tem seu lugar de fala. Essa literatura também trouxe um leque de abertura para que outras mulheres negras viessem a escrever sobre suas próprias vivências dentro da literatura. Assim como veio romper muitos paradigmas em relação aos preconceitos raciais e às violências sofridas por mulheres negras dentro da sociedade.

Maria Firmina traz de forma recorrente em sua obra a questão do negro e a figura feminina. Ela faz uma abordagem do tema violência por meio de denúncias ao sistema escravocrata que havia na época. Maria Firmina apresenta de forma explícita a violência sofrida pela personagem preta Susana ao ser escravizada. Além disso, a autora traz em sua escrita a fala da personagem Susana em primeira pessoa do singular, dando lugar de fala a ela, onde Susana relata todas as violências sofridas e as marcas deixadas por elas, as quais são visíveis em seu corpo e a violência psicológica, a qual ainda reverberam em sua mente.

Desse modo, a literatura tem dado voz a essa população que é subalternizada por uma sociedade onde é predominante a cultura branca. E tem se tornado possível a escrita de mulheres negra na literatura, ocupando seu lugar de fala e sendo protagonista de sua própria história. Firmina foi essa porta voz e resistência, para que essas mulheres relatassem suas vivências através da escrita, que mesmo passando por dificuldades para ter esse espaço no meio literário, é possível contemplar significativas vitórias e constituídos nesses espaços e tendo seu reconhecimento enquanto escritoras negras.

E é nessa perspectiva, que é importante e essencial esse olhar para as novas literaturas. É importante destacar que a pesquisa não é voltada para o processo de ensino, todavia, está pode ser utilizada e servir como complemento e fonte de estudo no ensino da literatura-afro nas escolas, uma vez que aborda questões étnicos raciais, e também a violência contra mulheres negras, o que ocorre frequentemente nos dias atuais.

Quando se fala em violência contra mulheres negras é notório que ainda existem muitos tabus no meio social. Pois é algo que está enraizado na sociedade, visto que a figura da mulher negra ainda está associada ao passado escravo, a figura da mulher como subordinada aos prazeres de outros, como servente dos brancos. Além disso, as mulheres negras ainda se sentem acuadas e, assim, optam por camuflar as violências sofridas.

A ocorrência das violências tem se feito bastante presente e recorrente na atualidade, com isso, é possível perceber um retrocesso na sociedade, que insiste em viver as marcas de um passado escravo. E essas literaturas vêm possibilitar grandes avanços para a

população negra que luta e resiste dia após dia, buscando seu espaço e quebrar de uma vez com as marcas da violências que insistem em se fazer presente.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Doranei. **Violências contra as mulheres negras: Correntes Invisíveis do Racismo** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

ANDRETA, Bárbara Loureiro. **A Literatura Afro-Brasileira de Autoria Firmina: Um estudo de Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Revista ao pé da Letra- Volume 15.2-2013. Disponível em: <https://periódicos.ufpe.br/revista/pedaleta/article/download/231814/25958> Acesso em: 22 de nov. de 2021

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 40. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

COELHO, Elza Berger Salema. SILVA, Anne Carolina Luz Grudtner, LINDNER, Sheila Rubia. **Violência: definições e tipologias** [recurso eletrônico] / Universidade Federal de Santa Catarina; organizadores, Elza Berger Salema Coelho, Anne Carolina Luz Grudtner Silva, Sheila Rubia Lindner. — Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira** / Cuti -São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e etnia no nascente romance brasileiro: Úrsula**. In: *Revista de Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, maio/ag., 2005, p.443-444.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Machado de Assis afrodescendente*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

DE ASSIS DUARTE, Eduardo. **Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção, Estudos de Literatura Contemporânea**. núm, 31, 2008, pp.11-23. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127095001>

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Ensaios. Revista palmares set 2005 nova entrevista...- Fundação Cultural Palmares. Disponível em: [https://www.palmares.gov.br > sites > download](https://www.palmares.gov.br/sites/download). Acesso em: 15 de nov. de 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água** /Conceição Evaristo. 1 ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO . Renata Lourdes Linhares Severiano. - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, 2018. 129p.

FERREIRA, Cacio José; SILVA, Tatiane da Conceição. **MINHA COR, MINHAS MARCAS: Ficção e história na obra Úrsula, de Maria Firmina Dos Reis. Revista DECIFRAR**.

Amazonas. v. 10, n. 20, p. 63-87, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index>. Acesso em: 14 de mai. de 2023.

GROSSI, Patrícia Krieger. **Violência e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber** – 2. ed. Atual. Ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. OMS (Organização Mundial da Saúde), via site. Disponível em: <https://pensadoranonimo.com.br/violencia-psicologica-e-a-forma-mais-subjetiva-de-agressao-contra-a-mulher/>> Acesso em: 20 de fev. de 2023.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200 p.

LOPEDOTE, Maria de Lourdes; KOVASKI, Josuel. **A Literatura e a Imagem Afro-Brasileira**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectivas do professor PDE, 2014. Curitiba: SEED/PR, 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-uniaodavitoria_port_artigo_maria_de_lourdes_lopedote.pdf. Acesso em: 19 de set. de 2022. ISBN.978-85-8015-080-3

MUZART, Zahidé. UMA PIONEIRA: FIRMINA DOS REIS. **Muitas Vozes [S. I.]**, V. 2, n. 2, p. 247-260, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>. Acesso em: 14 de mai. de 2023.

PAIM, Luciana de Lima; UMBACH, Rosani Ketzer. **Duzu-Querença, Salinda e Luamanda: uma representação da violência contra a mulher em Olhos d'água, de Conceição Evaristo**. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br>. Acesso em: 10 de fev. de 2023.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula: romance; A escrava: conto**. Maria Firmina dos Reis. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

SALES, Maria Beatriz Ribeiro. OLIVEIRA, Thyara Lyssa Fernandes. JÚNIOR, Vicente Celeste de Oliveira. **Violência de gênero contra a mulher sob a ótica da Literatura Brasileira**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br>. Acesso em: 23 de Jan. de 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SEVERIANO, Renata Lourdes Linhares. **Violência, trauma e empoderamento representados nas Insubmissas lágrimas de mulheres, obra ficcional de Conceição Evaristo** / Renata Lourdes Linhares Severiano. - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, 2018. 129p.

SILVA, Marcelo Medeiros, **Práticas de escrita feminina: o exercício da resistência** SOBRASL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: ed. do Autor, 2011.

TOLEDO, Michele Abdo Merlone dos Santos. **Um estudo acerca de crianças vítimas de violência em uma instituição de atendimento em Campo Grande-MS**. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2003. 156p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Dom Bosco, Campina Grande, 2003.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. Disponível em <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/19479/2/Rafael%20Balseiro%Zin.pdf> Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

ZIN, Rafael Balseiro. Literatura e afrodescendência no Brasil: **Condições e possibilidades de emergência de um novo campo de estudo**. Caderno Seminal Digital, nº 29, v. 29(JAN-JUN/1018) Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/cadsem.2018.30978> Acesso em: 13 de fevereiro de 2020.